



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA**

**ALINE BÁRBARA SANTANA DA SILVA**

**A IMAGEM E DEVOÇÃO A SÃO BARTOLOMEU DE MARAGOGIPE:  
UMA ANÁLISE MUSEOLÓGICA DO OBJETO SACRO A PARTIR DO  
ESTUDO ICONOGRÁFICO E ICONOLÓGICO**

Cachoeira  
2013

**ALINE BÁRBARA SANTANA DA SILVA**

**A IMAGEM E DEVOÇÃO A SÃO BARTOLOMEU DE MARAGOGIPE:  
UMA ANÁLISE MUSEOLÓGICA DO OBJETO SACRO A PARTIR DO  
ESTUDO ICONOGRÁFICO E ICONOLÓGICO**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito à obtenção de título de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ms. Cristina Ferreira Santos de Souza.

Cachoeira  
2013

S586i Silva, Aline Bárbara Santana da

A imagem e devoção a São Bartolomeu de Maragogipe: uma análise museológica do objeto sacro a partir do estudo iconográfico e iconológico / Aline Bárbara Santana da Silva. – Cachoeira, 2013.

60 f.: il.; 22 cm.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Ms. Cristina Ferreira Santos de Souza.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2013.

1. Objetos de arte - museu. 2. Museu histórico - Maragogipe (BA). I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Centro de Artes, Humanidades e Letras II. Título.

CDD: 069.132

**ALINE BÁRBARA SANTANA DA SILVA**

**A IMAGEM E DEVOÇÃO A SÃO BARTOLOMEU DE MARAGOGIPE:  
UMA ANÁLISE MUSEOLÓGICA DO OBJETO SACRO A PARTIR DO  
ESTUDO ICONOGRÁFICO E ICONOLÓGICO**

Monografia apresentada como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Museologia, Centro de Artes Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Aprovada em 14 de maio de 2013.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. Cristina Ferreira Santos de Souza (orientadora)  
Bacharela em Museologia – UFBA  
Mestra em História – UFBA

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. Ana Paula Soares Pacheco  
Bacharela em Museologia - UNIRIO  
Mestra em Ciência da Arte – UFF

---

Bel. Emanuel Silva Andrade  
Bacharel em Museologia - UFRB

Meu Pai Jorge Arcanjo da Silva (em memória)  
Maria José da Silva (minha avó paterna)

## AGRADECIMENTOS

Apesar de que, de início não tinha planejado trilhar por este caminho, mas a vida nos leva de alguma forma caminhar por diferentes lugares, onde dela colhemos diversos conteúdos ao longo do percurso, e assim percorrendo por diversos lugares foi que cheguei até aqui, e agora chego ao fim desta importante etapa com a convicção de que sonhos antes improváveis podem sim serem concretizados.

Então, primeiramente agradeço a Deus pela vida e por toda força, que me proporcionou durante esta trajetória.

Agradeço a minha avó Maria José da Silva pela dedicação, paciência e pelo incentivo que me deu, devo esta vitória que aconteceu na minha vida a ela. Agradeço também ao grande e maior amigo da minha vida Breno Caldas (namorado), pelo apoio, conselhos, incentivo e paciência quando ouvia meus lamentos e reclamações de cansaço, mas eu persisti e continuei a caminhar.

Aos familiares que diretamente e indiretamente me deram forças com simples palavras de incentivo; aos colegas e amigos que tanto me ouviram falar sobre os museus, e os que não gostavam, mas me ouviam mesmo que impacientes.

Em especial à minha orientadora Cristina Ferreira, pela paciência e dedicação.

Aos colegas de turma, em especial a Milena Maia e Naiara Lima que estiveram ao meu lado sempre, durante os quatro anos de curso. Afinal meninas, obrigada pela companhia durante todo este tempo.

A todos os mestres do corpo docente da Universidade, ao qual tive a oportunidade de tanto aprender, e aos que me fizeram pensar sobre o que realmente estava fazendo ali com suas formas sinceras de falar que tocava fundo.

Agradeço ao pessoal da Paróquia de São Bartolomeu, pela atenção todas as vezes que precisei fazer as pesquisas, eles estavam sempre dispostos a ajudar.

Enfim, obrigada a todos!

O cidadão é um ser responsável, individual e coletivamente, por seu presente e por seu futuro. Para isso, precisa reconhecer, respeitar e utilizar o patrimônio que o define em sua diferença e o inscreve numa continuidade.

Hugues de Varine, 2006.

## RESUMO

Este presente trabalho denominado “A imagem e devoção a São Bartolomeu de Maragogipe: uma análise museológica do objeto sacro, a partir do estudo iconográfico e iconológico” quer através dos princípios que norteiam a documentação museológica estudar a imagem, abordando a história da Igreja Matriz através do estudo iconográfico e iconológico, pois é através do documento que se pode garantir o registro da história e memória de uma determinada manifestação cultural e religiosa. E desta forma, o objetivo do estudo é colaborar para a preservação de um bem cultural, através do seu registro. Foi nesta perspectiva que nos interessou investigar como a fé a São Bartolomeu acontece na cidade de Maragogipe.

**Palavras – chave:** Documentação Museológica, São Bartolomeu, Maragogipe e memória.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 Visualização do centro da Cidade de Maragogipe .....	18
Figura 02 Igreja Matriz .....	23
Figura 03 Planta da Igreja Matriz .....	24
Figura 04 Pregão de São Bartolomeu .....	26
Figura 05 Bando anunciador .....	27
Figura 06 Comissão de festa .....	27
Figura 07 Lavagem do templo.....	27
Figura 08 Lavagem popular.....	28
Figura 09 Lavagem saindo da porta da Igreja Matriz .....	28
Figura 10 Missa festiva .....	29
Figura 11 Procissão de São Bartolomeu.....	29
Figura 12 Imagem de São Bartolomeu .....	34

## **LISTA DE SIGLAS**

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional
IPAC	Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 - ESTUDO DA CIDADE</b> .....	13
1.1 Documentação Museológica .....	15
1.2 A cidade de Maragogipe .....	18
<b>2 - A DEVOÇÃO A SÃO BARTOLOMEU DE MARAGOGIPE</b> .....	22
2.1 A Igreja de São Bartolomeu .....	22
2.2 A festa e devoção a São Bartolomeu .....	24
2.3 A irmandade de São Bartolomeu .....	30
2.4 Iconografia e Iconologia .....	31
2.5 Descrição da imagem de São Bartolomeu .....	34
<b>3 - MEMÓRIA</b> .....	37
3.1 Patrimônio Cultural.....	40
3.2 Analisando a Igreja Matriz por meio da percepção dos moradores.....	44
<b>4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	54
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	56
<b>GLOSSÁRIO</b> .....	60

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso, que está inserido na área da Documentação Museológica, tem como objeto de estudo a imagem de São Bartolomeu da Igreja Matriz da cidade de Maragogipe. A cidade de Maragogipe é um município do estado da Bahia localizada a cerca de 133 km de Salvador. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município tem uma área de 440 km<sup>2</sup> e sua população é estimada em 42.815 habitantes. Como outras cidades da região do Recôncavo, Maragogipe traz uma forte tradição religiosa católica, a cidade pacata se transforma durante o mês de agosto, quando é celebrada a festa de seu padroeiro, São Bartolomeu. De acordo, com o Programa Monumenta (2005, p. 294), a Igreja Matriz de São Bartolomeu tem sua construção datada do final do século XVII, e é situada no topo da colina, emerge com destaque do casario do centro histórico, constituído de sobrados e casas originárias do século XIX.

A importância deste estudo conversa com a valorização do patrimônio histórico, pois se este é um documento, deve ser compreendido, preservado e transmitido às gerações futuras. Porque assim como o patrimônio salvaguardado dentro dos museus, o patrimônio tombado de cidades históricas carece de estudos, para a afirmação da sua identidade cultural. Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPAC), o conceito geral de Patrimônio Cultural, de acordo com a Constituição Federal de 1988, Artigo 216 diz que: “Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tombados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; e os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico”.

A escolha por esta abordagem se deu a partir da disciplina “História da Arte” lecionada pela professora Camila Santiago, a qual durante as suas aulas, abordava conceitos de iconografia e iconologia sobre imagens, o que despertou interesse pelo

tema, e levou a realizar estes estudos na Imagem de São Bartolomeu, onde a proponente reside e tem fácil acesso a Igreja da comunidade de Maragogipe.

O presente trabalho monográfico tem como objetivos específicos: estudar a iconografia da imagem e a devoção a ela, através do estudo iconográfico e iconológico, e de referências bibliográficas sobre a mesma, e sua importância enquanto patrimônio histórico para a preservação da memória local.

Para a elaboração desta pesquisa foram utilizadas algumas ferramentas metodológicas como: visita à instituição, observação direta e pesquisas bibliográficas.

Desta forma, a pesquisa monográfica consta de introdução; desenvolvimento estruturado em três capítulos e considerações finais: sendo que o primeiro capítulo, denominado Estudo da Cidade, foi feita uma conceituação teórica e histórica sobre cidades, onde abordamos a documentação museológica neste estudo. Também foi feita uma explanação sobre a localização, breve histórico e outros dados sobre a cidade de Maragogipe. O segundo capítulo denominado A devoção a Imagem de São Bartolomeu de Maragogipe, no qual foi feita a discussão teórica sobre a História da Igreja Matriz, onde abordamos a história do santo e a devoção a ele, e fazemos a conceituação do estudo iconográfico e iconológico, e foi feita a descrição da imagem através destes conceitos. No terceiro capítulo, denominado Memória, falamos também do Patrimônio Cultural, sobre os conceitos referentes à memória e ao patrimônio cultural edificado, relacionados com a realidade da cidade de Maragogipe; em seguida são apresentadas as considerações finais e as referências bibliográficas.

# CAPÍTULO I

## 1- ESTUDO DA CIDADE

Neste primeiro capítulo abordaremos conceitos teóricos e reflexões sobre cidades, que para compreender o que significa estudo da cidade é necessário analisar uma série de fatores que abarcam a sua existência, e faremos um breve histórico da cidade de Maragogipe, pois é nela que está inserido o nosso objeto de estudo.

“A palavra cidade é adotada em dois sentidos para indicar uma organização da sociedade concentrada e integrada, que começa há cinco mil anos no Próximo Oriente e que desde então se identifica com a sociedade civil; ou então para indicar o cenário físico desta sociedade. A distinção é importante pelo motivo prático que o cenário físico de uma sociedade é mais duradouro do que a própria sociedade e pode ainda encontrar-se – reduzido a ruínas ou em pleno funcionamento – quando a sociedade que o produziu já há muito desapareceu”. (BENÉVOLO, 1984, p. 15)

A cidade é o espaço público e manuseado pelas pessoas que nele vive, estabelecendo, num espaço que sofreu ação humana.

Se uma cidade é uma obra do homem que se apropria do espaço; se a cidade é, por assim dizer, uma vitória da cultura contra a natureza, a cidade é ainda paisagem, uma paisagem social. Ora, uma paisagem é um recorte da natureza organizada pelo olhar e, no caso da cidade, reveladora da apropriação social do território. Uma paisagem urbana, na sua composição, lida com referenciais significativos de composição visual, identificadores da realidade urbana estilizada pelo olhar. E, neste caso, tais referenciais, sobretudo aqueles do espaço edificado, se encontram basicamente nos centros urbanos (PESAVENTO, 2008, p. 7).

Segundo Mesentier (2004, p. 14), “as áreas urbanas de valor patrimonial são suportes materiais da memória social que possibilitam a construção de identidades coletivas/sociais, porque contribuem para a construção e difusão do sentido de história na sociedade, remetendo a uma história onde o cotidiano das multidões anônimas conquista o status social de valor histórico (...)”.

Diferente da memória individual, a memória social se constrói ao longo de muitas gerações de indivíduos mergulhados, em relações determinadas por estruturas sociais. A construção da memória social implica na referência ao que não foi presenciado, e o patrimônio edificado permite um contato coletivo com referências da memória social. Segundo Choay (2006, p. 26 - 66), “o monumento tem por finalidade fazer reviver um passado mergulhando no tempo. O monumento histórico relaciona-se de forma diferente com a memória viva e com a duração (...). E que os monumentos da arquitetura revelam-se particularmente ricos em informações, na medida em que constituíam o âmbito espacial das instituições. Além disso, suas inscrições e sua decoração (pintura e escultura) referiam-se diretamente às crenças, aos usos e costumes da época”.

“A questão do patrimônio se situa numa encruzilhada que envolve tanto o papel da memória e da tradição na construção de identidades coletivas, quanto os recursos que têm recorrido os Estados modernos na objetivação e legitimação da ideia de nação. (...), ou seja, o valor que atribuem a estes bens enquanto meios para referir o passado, proporcionando prazer aos sentidos, produzir e veicular conhecimento”. (FONSECA, 2005, p.51). Deste modo a preservação do patrimônio histórico é necessária, pois este patrimônio é o testemunho vivo da herança cultural de gerações passadas, que é fundamental no momento, transmitindo para as gerações referências de um tempo e de um espaço.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas [...]. Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade. (NORA, 1981, p. 13).

“Com tudo vê-se que, uma cidade possui seus mitos, suas lendas, suas histórias extraordinárias, transmitidas de boca em boca, de geração em geração, através da oralidade. A história e a memória de uma cidade é também o boato, o ouvir dizer, o relato memorialístico que se apoia não só na lembrança pessoal de quem evoca, mas também naquilo que foi contado um dia por alguém cujo nome não mais se sabe” (PESAVENTO, 2008, p. 7). Podemos dizer que os lugares de memória de uma cidade são também lugares de história. História e memória são

narrativas do passado que presenteia uma ausência, reconfigurando uma temporalidade.

Para Simão (2006, p. 15), a preservação dos valores culturais e ambientais caracteriza-se, crescentemente, como uma tendência da atualidade. A valorização das coisas locais, em contraposição à globalização da economia e da comunicação, reveste de importância à manutenção de identidades específicas, que garantam às pessoas a referência do seu lugar.

Conclui-se que a preservação do patrimônio é de suma importância para determinada sociedade, porque guarda em si referências da identidade e da memória dos diferentes grupos sociais. Desta maneira, a documentação museológica é de suma importância e ela não se restringe apenas ao estudo dos objetos (monumentos), mas também estuda a relação entre o homem e o objeto.

## 1.1 - Documentação Museológica

Considera-se, a documentação de acervos museológicos, segundo Ferrez:

A documentação de acervos museológicos é o conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a preservação e a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar, (...), as coleções dos museus de fontes de informação em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimento (FERREZ, 1994).

“O conceito de documento nos leva também ao conceito de MEMÓRIA. Para que possamos pensar o documento como "aquilo que ensina" ou "como suporte de informação", não podemos abrir mão da memória. Não há aprendizagem e não há informação sem a presença da memória. Mesmo quando pensamos a informação como o novo, o inesperado, ou aquilo que não se podia prever” (CHAGAS Apud AMARAL, 1977, p. 401).

Por meio da documentação museológica, segundo Maria Inez Cândido (2006, p. 34) podemos identificar nos objetos comuns e anônimos, frutos do trabalho humano e vestígios materiais do passado, que correspondem às condições e circunstâncias de produção reprodução de determinadas sociedades ou grupos

sociais. Na natureza latente destes objetos, há marcas específicas da memória, reveladoras da vida de seus produtores e usuários originais. (...), assim dentro do contexto museológico, em especial o expositivo, o objeto se ressemantiza em seu enunciado, alcançando o status de documento.

Um objeto ao longo de sua vida perde e ganha informações em decorrência do seu uso, como afirma Ferrez (1994), “que os objetos podem mudar de lugar, de proprietário, de função e suas propriedades físicas, também se modificam. E é esse conjunto de informações sobre um objeto que estabelece seu lugar e importância dentro de uma cultura e que o torna um “*testemunho*”, sem o qual seu valor histórico, estético, econômico, científico, simbólico e outros são fortemente diminuídos”.

Nascimento (1994, p. 40) “ênfatisa que, a questão é que, a ação documental deve ir além do simples ato de resgate de informações do objeto em si, e sim, buscar através da pesquisa o contexto de produção do bem cultural, com um método capaz de permitir a construção e a comunicação do conhecimento acerca do bem cultural produzido historicamente”.

O registro de informações sobre o objeto museológico permite que esta seja comunicada, compartilhada, permitindo o acesso a informação no contexto social no qual está inserida. Desta maneira Yassuda (2009, p.68) afirma que, “o objeto museológico, enquanto representação da memória adquire um valor simbólico dentro do âmbito a que denominamos patrimônio cultural, passando a ser representante de um grupo, de um tempo ou de um lugar”.

Para Julião (2006, p. 94), “a investigação, por sua vez, tem o papel de ampliar as possibilidades de comunicação dos bens culturais; como atividade voltada para a produção de conhecimento, ela assegura uma visão crítica sobre determinados contextos e realidades dos quais o objeto é testemunha”.

Podemos ver que a pesquisa envolve investigações e estudos que resultam em interpretações dos conteúdos históricos acerca do objeto, e é através da pesquisa que se pode saber a origem social e a historicidade que o objeto carrega. Julião (2006, p. 98) enfatiza ainda que, as informações por sua vez, não são latentes nos artefatos; para que se tornem testemunho da história é preciso interrogá-los como evidência do passado que se quer conhecer.

A pesquisa resulta em apresentar interpretações dos conteúdos históricos e culturais que abrange o objeto, e é importante que aconteça um processo de comunicação que se estabelece uma relação entre o homem e o bem cultural.

Cândido (2006, p. 36) sintetiza ainda que, o potencial de um objeto museológico como bem cultural se estabelece a partir do somatório das informações de que ele se torna portador. Ou seja, materiais, técnicas, usos, funções, alterações, associados a valores estéticos, históricos, simbólicos e científicos, são imprescindíveis para a definição do lugar e da importância do objeto como testemunho da cultura material.

Vemos que a importância da pesquisa sobre o objeto possui intimidade, valor em analisar com precisão, buscando relacioná-lo com a sociedade, sua utilidade sobre o meio social, uma vez que este significa a memória social. No sistema de Documentação Museológica, os objetivos consistem em recuperação de informações, assim o museólogo armazena os dados, complementa as informações diante das fontes documentais e iconográficas e torna-as acessível aos usuários em pesquisá-las e utilizá-las em exposições, por exemplo. Sendo assim, é através do método iconográfico e iconológico que iremos fazer o estudo de um objeto sacro. É neste sentido, que iremos estudar a imagem de São Bartolomeu da cidade de Maragogipe.

## 1.2 - A cidade de Maragogipe



<sup>1</sup>Figura 01: Visualização do centro da Cidade de Maragogipe.

A Cidade de Maragogipe deu-se à existência de uma tribo indígena denominada “Marag-gyp”, que se estabeleceu em meados do século XVI às margens do Rio Paraguaçu. Após a chegada dos desbravadores portugueses houveram conflitos com os indígenas, o que ocasionou a expulsão dos grupos indígenas para áreas distantes e a ocupação das terras pelos colonos portugueses.

Em virtude de seus importantes feitos para a consolidação da Independência do Brasil, durante os embates regionais que se travaram após 7 de setembro de 1822 para a Independência da Bahia, Maragogipe finalmente torna-se cidade pela Lei Provincial nº 389, de 08 de maio de 1850, sendo agraciada com o título honorífico de “Patriótica Cidade de Maragogipe”.

Situado nas terras altas do Recôncavo, o município de Maragogipe foi utilizado, durante o século XVII, para o cultivo de produtos de

---

<sup>1</sup> Imagem retirada do site: [www.maragogipe.blogspot.com](http://www.maragogipe.blogspot.com)

subsistência, especialmente a mandioca e o fumo, este usado como produto de escambo para aquisição de escravos na Costa da África (MONUMENTA, 2005, p. 294).

É no século XIX que também desenvolveu-se um comércio negociante que abastecia cidades e vilarejos do Recôncavo Sul. Segundo o Historiador Osvaldo Sá (1983, p. 25),

(...) o comércio que se movimentava através de Maragogipe, em seus portos com os da Cidade de Salvador, para Cruz das Almas, Conceição do Almeida, Sapatuí, Jenipapo, Santana do Rio da Dona, Curralino e várias outras localidades.

No final do século XIX, o município sofreu com seu primeiro período de decadência econômica, causado pelo declínio da atividade açucareira, afetada pela extinção do trabalho escravo. Mas o declínio da atividade mercantil foi superado no século XX pela instalação das fábricas de charutos Dannemann e Suerdieck, dando novo rumo à economia local e gerando um novo desenvolvimento para o município.

A indústria fumageira era à base da economia de Maragogipe, mas com o fechamento das fábricas. Há alguns anos, parte da população que trabalhava na mão-de-obra ficou desempregada, dando assim início a um novo período de decadência econômica. A economia atual do município baseia-se fundamentalmente na agricultura, em especial na produção de farinha de mandioca, e na extração de dendê e piaçava. A pesca e a fabricação de produtos cerâmicos têm também relevante importância. Hoje a cidade não apresenta a mesma importância econômica de antigamente, mas possui áreas naturais de beleza diferenciada que, aliadas a uma significativa arquitetura do período colonial e a um conjunto de manifestações culturais, propiciam o desenvolvimento do turismo como alternativa de um novo período de crescimento do município.

(...) a noção de desenvolvimento torna-se quase um sinônimo de crescimento econômico. Mas desenvolvimento social é bem mais que crescimento da economia. Desenvolvimento social pressupõe também um amplo processo de superação das carências econômicas, políticas, sociais e culturais, baseado num aprimoramento das relações sociais em uma formação sócio-territorial. Entendido nesta dimensão, o processo de desenvolvimento

tem como pressuposto um processo de permanente aprendizagem da sociedade (MESENTIER, 2004, p. 5).

Como sabemos não acontece aprendizagem sem memória, o processo de construção da memória social é um elemento que contribui para o êxito de uma sociedade no ponderar dos problemas pelos quais se confronta. E o patrimônio edificado possibilita um contato coletivo da multidão anônima das cidades com uma referência da memória social.

Dentre seu conjunto urbano de monumentos arquitetônicos, podemos observar a Igreja Matriz de São Bartolomeu, que é incluída em um dos bens tombados pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), que tem sua construção datada de meados do século XVII. Destacam-se, ainda, a Casa de Câmara e Cadeia e alguns sobrados.

Conforme Mesentier (p.3), “o patrimônio cultural edificado pode ser pensado enquanto suporte da memória social, ou seja, os edifícios e áreas urbanas de valor patrimonial podem ser tomados como um ponto de apoio da construção da memória social; como um estímulo externo que ajuda a reativar e reavivar certos traços da memória coletiva em uma formação sócio-territorial”.

É o que se pode observar no município de Maragogipe, onde ocorreram várias mudanças ao longo do tempo, porém, a sua historicidade se mantém viva nas edificações da igreja, nas ruas, no imaginário e na memória de seus moradores.

Como afirma Lemos (2000, p. 29) “preservar é manter vivo, mesmo que alterados usos e costumes populares. É fazer também levantamentos de qualquer natureza, de sítios variados, de cidades, de bairros, de quarteirões significativos dentro do contexto urbano. (...) De qualquer maneira, garantir a compreensão de nossa memória, preservando o que é significativo dentro do nosso repertório de elementos componentes do Patrimônio Cultural”.

Além de seus monumentos que guardam memórias do passado, Maragogipe cultiva suas manifestações culturais, que além das festas cívicas, populares e celebrações religiosas, são formados também por grupos musicais e pelas Filarmônicas 2 de Julho e Terpsícore Popular.

O Patrimônio turístico inclui ainda a Matriz de São Bartolomeu, que tem valor histórico e o mês de agosto; é dedicado ao padroeiro da cidade, festa é caracterizada como manifestação cultural dos festejos populares, como o bando anunciador, a lavagem e a festa de largo.

## CAPÍTULO II

### 2 - A DEVOÇÃO A SÃO BARTOLOMEU DE MARAGOGIPE

Neste segundo capítulo faremos uma discussão teórica sobre a história da Igreja Matriz, e abordaremos também a história do santo e a devoção a ele. E faremos a conceituação do estudo iconográfico e iconológico, e a descrição da imagem através destes conceitos.

O culto aos santos está presente desde a constituição da hierarquia cristã e sua conseqüente necessidade em firmar valores morais usando modelos exemplares que traduziriam sua visão de mundo. O destaque a um determinado modelo de santidade é histórico e revela uma série de manifestações, gestos e palavras, traduzindo representações coletivas integradas por crenças e práticas coletivas, conectando o indivíduo a um determinado grupo (...), os primeiros cultuados como santos foram os mártires, e os cultos a eles dirigidos tiveram origem espontânea. O mártir era aquele que deu a vida como testemunho de sua adesão à fé cristã. (ANDRADE, 2010, p. 3).

#### 2.1 - A Igreja de São Bartolomeu

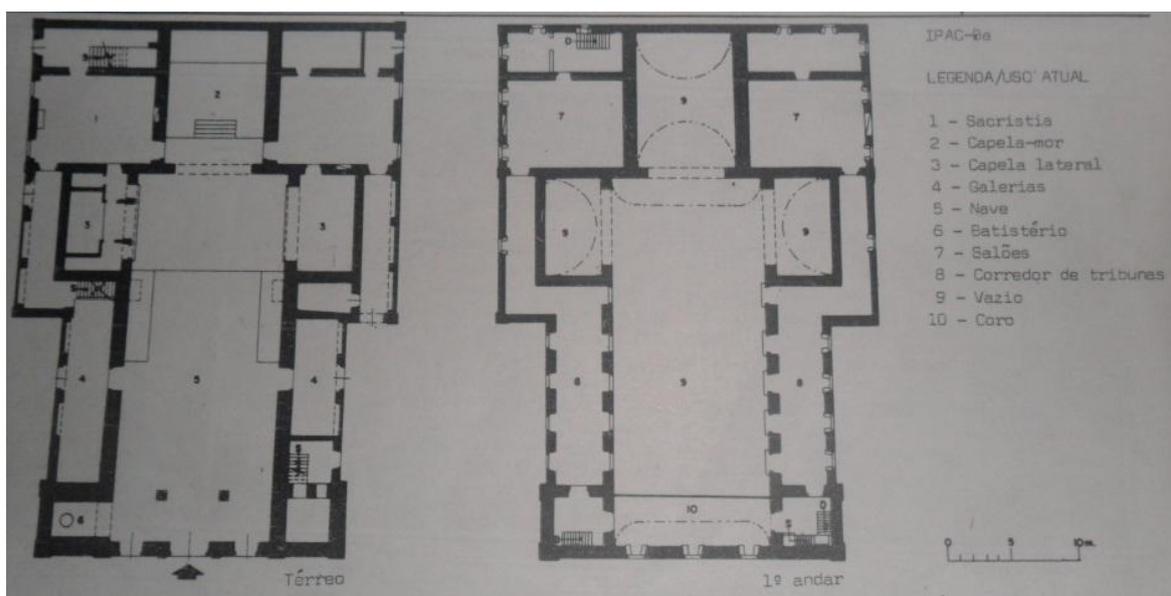
A construção da Igreja Matriz de São Bartolomeu é datada de meados do século XVII. A igreja está situada no topo da colina, onde se desenvolveu a cidade, na confluência da Praça Dr. João Pessoa, onde os sobrados e as casas originárias do século XIX, no Centro Histórico.



Figura 02: Igreja Matriz de São Bartolomeu.  
Fonte: [www.cultura.ba.gov.br](http://www.cultura.ba.gov.br)

A Igreja tem sua fachada voltada para o poente, em sua frente há um adro<sup>2</sup>, com um cruzeiro e a fachada posterior está voltada para uma praça, onde tem um coreto.

Monumento com planta em cruz latina, contornada por arcarias<sup>3</sup> exteriores, que suportam tribunas. Seu frontispício<sup>4</sup> apresenta um corpo central, comportada em cantaria e folhas almofadas, ladeada por duas portas semelhantes. Três janelas de coro e um frontão<sup>5</sup> triangular truncado completam este corpo, que é flanqueado por duas torres piramidais revestidas de embrechados de azulejos. Interior rico, com forro em gamela na nave, e em caixotões. O coro e tribunas<sup>6</sup> da nave são guarnecidos por balaústre de jacarandá.



<sup>7</sup>Figura 03: Planta da Igreja Matriz.

O monumento foi tombado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) no ano 1941. E considerado um dos mais importantes templos baianos e um dos cartões postais de Maragogipe.

<sup>2</sup> Adro – Nome pelo qual é chamada a área externa da igreja.

<sup>3</sup> Arcaria – É formada por uma sequência de arcos.

<sup>4</sup> Frontispício – Face principal de um monumento.

<sup>5</sup> Frontão – É uma forma triangular que decora normalmente o topo da fachada.

<sup>6</sup> Tribunas – Na igreja a tribuna é constituída por sacadas.

<sup>7</sup> Foto do livro: de Inventário de proteção do acervo cultural.

## 2.2 – A Festa e devoção a São Bartolomeu

“Bartolomeu era natural da Galiléa, filho de Tholomeu ou Tholmão e seu nome significa “filho que suspende as águas”, ou seja, filho de Deus que é quem eleva a mente e derrama as águas da doutrina. Teve uma infância normal e na vida adulta adotou a profissão de pescador, tornando-se “um pescador de almas”. Temos a informação de que seu nome legítimo tenha sido Nathanael e foi por Philippe apresentando a Jesus Cristo”. (SANTOS apud LEHMANN, 1935. p. 556-558).

Um historiador maragogipano Sá (1981, p.24), que se baseia principalmente na oralidade e em sua memória, afirma que em meados do século XVI, os colonizadores lusos nomearam São Gonçalo do Amarante, para padroeiro de Maragogipe. Neste sentido, Bartolomeu Gato de Castro, português considerado influente no local, talvez com a pretensão de immortalizar a sua imagem, forjou o aparecimento de um santo, divulgando que seria São Bartolomeu<sup>8</sup>.

“A origem da festa é datada do século XVIII, a partir do funcionamento da igreja que começaram os festejos em louvor a São Bartolomeu. Quando a Igreja Matriz foi inaugurada, houve uma missa solene e festiva, celebrada pelo vigário Manoel Coelho Gato, irmão do poderoso Bartolomeu Gato, dono de muitas terras e escravos, e responsável direto pela construção do esplendoroso templo. Para evitar a presença dos negros na Matriz, os brancos e ricos senhores colonizadores davam aos escravos a permissão para participar das festas religiosas, de longe, lá do largo da Matriz”. (SOUZA, 5<sup>o</sup>, p.60). O largo era o palco para as festas populares, os escravos cantavam e dançavam de alegria, era a forma de louvar o santo padroeiro.

A festa de São Bartolomeu é realizada da seguinte maneira: no primeiro sábado do mês de julho, acontece o “pregão”, uma espécie de preparação e anúncio de que, no próximo mês, acontecerá uma das maiores festividades da cidade de Maragogipe. Sai um grupo de pessoas da comunidade, músicos das filarmônicas, e o pessoal da comissão de festa da irmandade de São Bartolomeu, distribuindo um impresso, que normalmente é escrito por alguém que tem certo respaldo na cidade, o texto fala da aproximação da festa do padroeiro. Para Santos (2010, p.106), “a

---

<sup>8</sup>Trecho retirado do texto: SANTOS, Fernanda Reis. A festa de São Bartolomeu em Maragogipe: (1860-1937). 2008, p. 1.

feita começava pelo desfile de símbolos (as máscaras, decoração das ruas, foguetes), que eram apropriadas diferentemente pelas diversas camadas da população. O anúncio da festa revestia-se de características que enfatizavam o especial; ou seja, o peculiar da data”. O pregão da festa de São Bartolomeu é sempre muito esperado.

### Pregão

A cidade desperta por entre as fumaças das espadas que riscam os seculares céus nas festas juninas deste mês de junho findo. E mal começa o mês de julho e já – novamente – em festas está toda gente dessa “patriótica cidade” para fazer com que saia as ruas este presente PREGÃO.

Este PREGÃO, oriundo de nossa Igreja Católica, tem por finalidade anunciar que agosto – o mês santo – esta prestes a chegar e com ele chegarão o frio invernal e as bênçãos de nosso Padroeiro Bartolomeu! (COMISSÃO DE FESTAS E SERVIÇOS PAROQUIAIS, 2006).

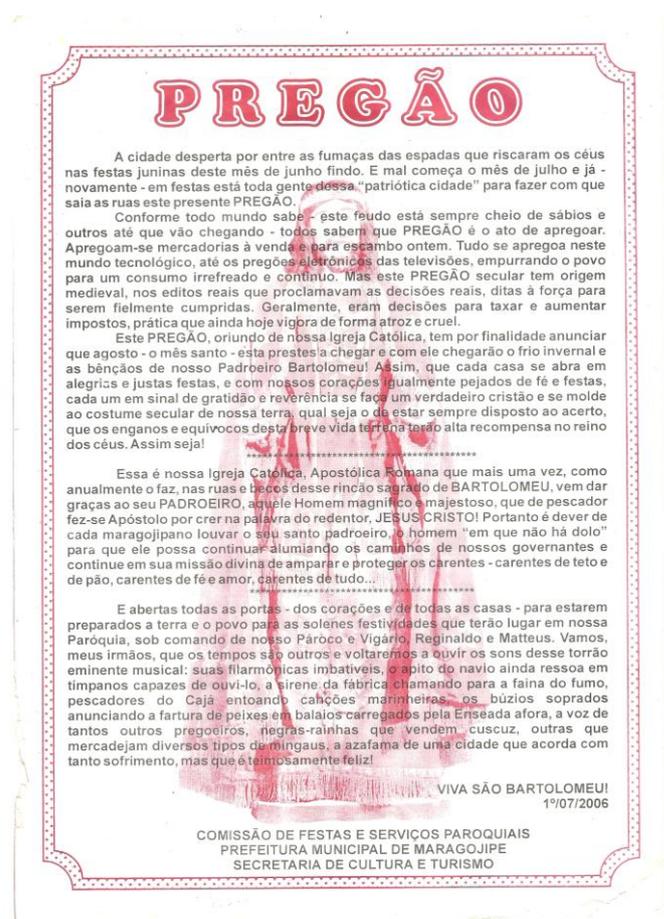


Figura 04: Pregão de São Bartolomeu.

Fonte: Cópia do pregão, 2006.

Os moradores recebem com muita alegria o pregão, pois é sinal de que os festejos dedicados a São Bartolomeu estão chegando. Na meia noite do dia primeiro de agosto tem uma salva de foguetes, anunciando a chegada do mês do padroeiro da cidade. Depois, acontecem nos finais de semana do mês de agosto; no primeiro domingo, acontece o Bando Anunciador é composto por cavaleiros e pelas filarmônicas que saem pelas ruas da cidade, distribuindo a programação oficial da festa, tanto das celebrações religiosa bem como das festas populares.



Figura 05: Bando anunciador.  
Fonte: Jr Major.



Figura 06: Comissão de festa.  
Fonte: Jr Major, 2012.

No segundo domingo tem a lavagem da Igreja Matriz de São Bartolomeu, que é realizada para as comemorações e que é realizada pelos devotos que se equipam de baldes, vassouras e sabão que se unem num verdadeiro mutirão de fé para limpeza do templo.

Entre as promessas mais comuns da cultura religiosa luso-brasileira, destaca - se esta de lavar, varrer e enfeitar igrejas e altares. Este ato de lavar pode ser entendido como emblemático, na medida em que se lava o santo e, assim, prepara-o para a realização da sua festa (SANTOS, 2010, p.109).



Figura 07: Lavagem do templo.  
Fonte: Jr Major, 2012.

E no domingo seguinte, acontece à lavagem popular que tem a presença das baianas, com flores e água de cheiro. A lavagem sai da frente da igreja com o cortejo que percorre várias ruas da cidade com a animação das charangas, grupos cantando sambas e cantigas de duplo sentido, e ainda é caracterizada com o bumba-meu-boi, a burrinha.



Figura 08: Lavagem popular (cortejo das baianas)  
Fonte: Zevaldo Souza, 2012.



Figura 09: Lavagem saindo da porta da Igreja Matriz.  
Fonte: Zevaldo Souza, 2012.

São realizadas as novenas em louvor ao padroeiro, onde cada ano se tem um tema geral para as novenas, que é escolhido pela paróquia. São realizadas nove novenas, onde cada uma tem subtemas e cada noite é dedicada em homenagens. Como por exemplo: a Prefeitura e Câmara Municipal, aos comerciantes, as comunidades das zonas rurais e distritos, escolas, as filarmônicas da cidade, as apostolados, confrarias e as irmandades da Igreja Matriz, entre outros. E ainda tem as participações especiais das Filarmônicas e da banda de fanfarra BAMOUR.

Dia 24 de agosto é celebrado o dia de São Bartolomeu. Acontece às cinco horas da manhã, uma missa dedicada ao santo; no último fim de semana de agosto, às dez horas da manhã do domingo acontece uma missa festiva, com a presença de vigários de outros municípios e também a presença do Arcebispo da Bahia.



Figura 10: Missa festiva.  
Fonte: Jr Major, 2012.



Figura 11: Procissão de São Bartolomeu  
Fonte: [www.maragogipe24h.blogspot.com.br](http://www.maragogipe24h.blogspot.com.br)

A festa é finalizada na última segunda-feira de agosto, com a realização da procissão, que sai da Matriz no final da tarde e, que percorre as principais ruas da cidade de Maragogipe.

Como afirma Couto (2006, p. 275), “a procissão se convertia no ponto alto das homenagens. O santo do dia não saía sozinho às ruas, mas acompanhado de outros santos da mesma igreja ou irmandade (...). O cortejo era formado por irmãos, soldados, sacerdotes, músicos, vestidos com roupas de gala, joias e adereços, percorria as principais ruas próximas ao templo dedicado ao patrono homenageado”.

Atualmente são notáveis na cidade de Maragogipe que durante o cortejo da procissão, se tem a presença da irmandade de São Bartolomeu, sacerdotes músicos vestidos com suas roupas de festa, joias e adereços, não é mais notável a presença de soldados durante o cortejo. É com a procissão que se encerra a dedicação dos fiéis em louvar ao padroeiro, durante todo o mês de agosto, como é dedicado para celebrar a festa de São Bartolomeu de Maragogipe.

## 2.3 - A Irmandade de São Bartolomeu

Contudo, constatamos que data de 11 de abril de 1851, a carta aprovada pelo arcebispo da Bahia D. Romualdo Antônio de Seixas, que confirmou na forma de lei o Compromisso da irmandade do glorioso S. Bartolomeu, padroeiro da Igreja Matriz da cidade de Maragogipe (SANTOS, 2008, p.1). As irmandades eram associações leigas que tinham por objetivo reunir certo número de fiéis em torno da devoção a um santo escolhido como padroeiro e que mantinha o culto e promovia sua festa.

As irmandades tinham, dessa maneira, a função implícita de representar socialmente, senão politicamente, os diversos grupos sociais e ocupacionais da Bahia. Elas ajudavam a tecer solidariedades fundamentadas na estrutura econômica e, algumas, não faziam segredo disso em seus compromissos quando exigiam, por exemplo, que seus membros possuíssem, além de adequada devoção religiosa, bastantes bens materiais. Mas, o critério que mais regulava a entrada de membros nas confrarias não era ocupacional ou econômico, mas étnico-racial (SANTOS, 2010, p. 78).

Afirmam Santos e Edilece, (2009, p.8), (...) “o Compromisso de fundação, define em primeiro lugar o critério de pertencimento (...). E tem como principal objetivo reverenciar o culto a São Bartolomeu, tendo na figura do juiz o maior cargo da irmandade, mas possuía também as funções de escrivão, tesoureiro, procurador e mesários. (...), no primeiro Compromisso há um capítulo específico que mostra as etapas dos festejos ao padroeiro: novenas, exposição do Santíssimo Sacramento no dia da festa, missa cantada, sermão e procissão à tarde pelas ruas da cidade”.

Ainda segundo Santos, (2010, p.79), “a data máxima do calendário das irmandades era a festa do santo de devoção, quando irmãos e irmãs saíam das confrarias aparatadas com suas vestes de gala, capa, tochas, bandeiras, andores, cruces em pomposas procissões, seguidas de danças e banquetes. Uma festa consiste em um momento de relação, que reafirmam ligações sociais e identidades, resume à soma da vida de cada comunidade, suas estruturas culturais, as relações políticas e, revelando as contradições das sociedades”.

Segundo Castro (2000, p. 11), “as obras de arte sacra cristã costumam serem, geralmente analisadas sobre um dos seus dois aspectos relevantes: como obras de arte ou como elementos de fé. A sua visualização – como signo de

religiosidade, a partir de sua função ritual ou devocional, aliada à sua condição de obra artística com suas características estilísticas”.

O registro pormenorizado é importante pois. Por meio dele, podemos identificar uma peça. No caso dos crucifixos, por exemplo, muitas vezes foram encomendados a um mesmo Santeiro, para as predelas ou banquetas de todos os altares de uma mesma Igreja, fazendo parte ou não do conjunto de castiçais, sendo assim difícil identificá-los por uma descrição sumária (MARQUES, 2000, p.23).

Segundo Ferrez (1994) os objetos produzidos pelo homem são portadores de informações intrínsecas e extrínsecas que, para uma abordagem museológica, precisam ser identificadas. Como podemos observar, a descrição do objeto será muito além dos aspectos físicos ou intrínsecos, para isso mostraremos através dos conceitos a importância de se fazer um estudo iconográfico e iconológico de um objeto. É importante também, saber as características extrínsecas do objeto.

## 2.4 - Iconografia e Iconologia

Como foi dito anteriormente a análise iconográfica é de fundamental importância para uma descrição e interpretação perfeita de uma imagem. Sendo assim, a análise da imagem de São Bartolomeu tem como ponto de partida o trabalho “*Significado nas artes visuais (2004)*” do crítico e historiador da arte Erwin Panofsky (1892-1968). No qual ele define a iconografia como um ramo da História da Arte que prevê a descrição e classificação das imagens, assim como o significado das obras. Seu método prevê três níveis de trabalho.

Segundo Panofsky (2007, p. 50), “o primeiro nível é primário ou natural, subdividido em fatural e expressional. Esta fase tem como principal função enumerar e identificar as formas puras da imagem que carregam significados, ou seja, o mundo dos motivos artísticos. É apreendido pela identificação das formas puras, ou seja: certas configurações de linha e cor, ou determinados pedaços de bronze ou pedra de forma peculiar (...), de suas relações mútuas como acontecimentos; e pela percepção de algumas qualidades expressionalis, como o caráter de uma pose ou

gesto. Para o autor, a enumeração constitui-se uma descrição pré-iconográfica de uma obra de arte”.

“O segundo nível de análise são os temas secundários ou convencionais. É o momento de articular os motivos artísticos, e as combinações de motivos artísticos (composição) com assuntos e conceitos. Trata-se da análise iconográfica no sentido estrito, por exemplo, reconhecer a ceia, como Última Ceia” (PANOFSKY, 2007, p. 50). Diz respeito ao estatuto, ou melhor, ao domínio daquilo que identificamos como imagens, histórias e alegorias.

“No terceiro e último nível que é o significado intrínseco ou conteúdo da imagem, denominado pelo autor de iconologia. Esta etapa depende mais da interpretação que advém da síntese do que da análise. Portanto, são através da iconografia seguida da iconologia que se podem descrever os elementos que constituem o conteúdo intrínseco de uma imagem, para, assim, torná-los explícitos, possibilitando que a percepção seja articulada e comunicável” (PANOFSKY, 2007, p. 52). Nesta fase, é questionada pelo pesquisador a relação com o ambiente histórico de um dado período, nação, crença religiosa, qualificados por uma personalidade e condensados numa obra.

A iconografia é, portanto, a descrição e classificação das imagens, assim como a etnografia é, a descrição e classificação das raças humanas; (...) que nos informa quando e onde temas específicos foram visualizados por quais motivos específicos. Diz- nos quando e onde o Cristo crucificado usava uma tanga ou uma veste cumprida; quando e onde Ele foi pregado à Cruz (...) (PANOFSKY, 2007, p. 53).

Analisa-se que essa proposição metodológica de Panofsky, é adequada ao estudo da função simbólica das imagens na Igreja Católica. Desde o princípio do cristianismo, as imagens tiveram uma função didática de eficácia, traduzindo palavras sagradas.

As imagens, portanto, podem ter longa vida. E isso não é primazia das que surgiam vinculadas às religiões. Muitas imagens, tanto iconográficas quanto de memória de grupos sociais, de momentos históricos, de eventos, de sociedades inteiras inscrevem – se nestas direções temporais alongadas, ora cultivadas e preservadas, ora combatidas (SANTOS Apud PAIVA, 2006. p. 52).

Assim, as imagens sacras escultóricas desempenham um importante papel nos templos católicos, pois representam a iconografia de Cristo. Compreende-se que as imagens exercem um papel complementar ao da palavra. No caso das imagens sacras, elas estão ligadas tanto as passagens bíblicas quanto às histórias de santos católicos; simbolizam personagens que contribuíram para a construção do imaginário católico e são usadas para lembrar aos fiéis, o caráter humano e a possibilidade de abraçar a fé, de se tornar puro e santo, mas sobretudo, de lhes proteger, o que gerou tanta veneração em torno de muitos santos.

## 2.5 - Descrição da imagem de São Bartolomeu



<sup>9</sup>Figura 12: Imagem de São Bartolomeu.  
Fonte: Jr Major, 2012.

---

<sup>9</sup> Imagem retirada do site: <http://festadesaobartolomeu.blogspot.com.br>

**FICHA – SÃO BARTOLOMEU****LOCALIZAÇÃO: IGREJA MATRIZ**

1 UF / Município – BA - Maragogipe

2 Cidade / Localidade - Maragogipe

3 Endereço – Praça Dr. João Pessoa

4 Acervo – Igreja Matriz

5 Local no prédio – Sacristia

6 Proprietário – Igreja Matriz

7 Responsável imediato – Pe. Reginaldo Almeida Moraes

**IDENTIFICAÇÃO:**

8 Designação – São Bartolomeu

9 Espécie – Imaginária

10 Natureza – Roca

11 Época - XVIII

12 Autoria – Desconhecida

13 Material / técnica – Madeira

14 Origem – Portuguesa

15 Dimensões – 190 cm

**DESCRIÇÃO:**

São Bartolomeu, em pé, na posição frontal, cabeça levemente inclinada para a direita, com o olhar direcionado para frente. Cabelos longos, encaracolados, castanho escuro, levemente caído sobre os ombros. Um resplendor prata preso na cabeça com uma faixa dourada. Os braços estendidos para frente, à mão esquerda aberta e a direita segurando um facão prata.

A vestimenta e o manto são vermelhos com bordados dourados.

**PROTEÇÃO:**

Condições de segurança:

( X ) boa      ( ) ruim      ( ) razoável

Estado de conservação:

( X ) excelente      ( ) bom      ( ) regular      ( ) péssimo

**ESPECIFICAÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:**

A imagem apresenta um ótimo estado de conservação.

**RESTAURAÇÕES:**

Não passou por restaurações recentemente.

**CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS / ORNAMENTAIS:**

Sobre o martírio de Bartolomeu, acredita-se que ele foi chicoteado, antes de morrer foi retirado da cruz e para sofrer mais, foi esfolado. Por esta razão, é representado trazendo um facão na mão, instrumento com que o suplicaram. Usa um manto vermelho que significa seu martírio, bem como se trata de uma cor imperial que significa poder e dourado que significa riqueza. A iconografia desta peça é tradicional, com as mãos estendidas.

**DADOS HISTÓRICOS:**

A comunidade católica de Maragogipe celebra a festa de São Bartolomeu, com novenário e festas solenes – no dia 24 de agosto – a festa em louvor a São Bartolomeu. Trata-se de uma das mais antigas devoções da cidade, havendo registro de que a festa já era realizada em meados do século XVII. O seu templo é um dos monumentos mais expressivos da arquitetura colonial de Maragogipe.

<sup>10</sup>Ficha catalográfica.

Os itens que compõem a ficha catalográfica são importantes, para o estudo, pois são itens que discorrem sobre a imagem e que fornece dados mais preciso sobre ela. Como a sua localização, o breve histórico da imagem e seu estado de conservação. Que são dados essenciais na descrição e para o estudo da mesma.

---

<sup>10</sup> SANTOS, Carine da Conceição. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Museologia intitulado: Iconografia de imagens de roca da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte (Cachoeira – BA). Cachoeira, 2012.

## CAPÍTULO III

### 3 – Memória

Neste capítulo será realizado um estudo sobre os conceitos referentes à memória e ao patrimônio cultural edificado, relacionados com a realidade da cidade de Maragogipe.

“A definição de memória: faculdade de reter ideias ou noções adquiridas; lembranças; reminiscência; anel comemorativo; monumento comemorativo; fama; celebridade; relação; apontamento para lembrança; (...), narrações históricas escritas por testemunhas presenciais; autobiografia; comentários” (FERNANDES, 1999). O conceito de memória é crucial. (...) a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 1990, p. 423).

A memória tem uma dimensão individual, mas os seus referentes são sociais, e são eles que permitem que, além da memória individual, tenhamos também uma memória compartilhada, uma memória coletiva. Sendo assim Leal (2012, p.3) “ênfatiza que, a memória individual não deixa de existir, mas está enraizada em inúmeros contextos, com a presença de diferentes participantes, e isto permite que haja uma transposição da memória de sua natureza pessoal, para se converter num conjunto de acontecimentos compartilhados por um grupo, passando de uma memória individual para uma memória coletiva”.

Trata-se de uma memória que representa processos e estruturas sociais que, já se transformaram. O indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições. É no contexto destas relações, que construímos as nossas lembranças. A rememoração individual se faz na organização das memórias dos diferentes grupos com que nos relacionamos. Ela está impregnada nas memórias dos que nos cercam, de maneira que, ainda que não estejamos em presença destes, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca se constituem, a partir deste emaranhado de experiências (...), (KESSEL Apud HALBWACHS 1990).

Sendo assim, a memória coletiva tem uma importante função de contribuir para o sentimento de relação a um grupo de passado comum, que compartilha memórias e o processo de construção da memória social, esta condicionada à aprendizagem social, especialmente na construção da história de determinado grupo social.

Ainda conforme Mesentier (2004, p. 8), “a construção da memória social é, portanto, decisiva para a formação de identidades coletivas, e a construção e desconstrução de identidades coletivas é parte integrante do processo político. Movimentos sociais, políticos e culturais, consciente ou inconscientemente, operam ações que resultam na construção de identidades coletivas”. Pollak (1989, p. 7) salienta que, “a memória, é uma operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, famílias e nações. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade (...)”.

As lembranças que podemos invocar ou os restos registrados de nossas experiências vividas são a matéria-prima da memória humana. Porém, ela é herdeira da percepção de nossos sentidos, bem como de nossa imaginação, de nossos sonhos e ilusões. Mesmo dependendo da percepção, a memória humana é sempre seletiva. Pois a percepção humana não é somente uma simples gravação, ela brota da ligação entre a habilidade de perceber e o indivíduo que percebe. Para Leal (2012, p.5), “a continuidade destes quadros de lembranças que atuam sobre os indivíduos, em diferentes circunstâncias é que permite a rememoração e fortalece a memória coletiva, na medida em que se define o que ele deve lembrar e/ou esquecer”.

Mesmo que a lembrança corresponda a um acontecimento distante no tempo, o contato com as pessoas que também viveram aquelas situações, ou com os lugares em que elas aconteceram permite a rememoração daqueles fatos, numa relação entre memória individual e memória coletiva. Isso mostra que “a representação das coisas evocada pela memória individual não é mais que uma forma de tomarmos consciência da representação coletiva relacionada às mesmas coisas” (LEAL Apud HALBWACHS, 2006, p. 61).

Sendo assim, quanto mais inseridos em um grupo, mais condições terão os indivíduos de restaurarem as suas memórias. Além disso, de contribuir para a recuperação da memória de um grupo.

“É neste movimento que diferentes grupos sociais passam a materializar suas memórias através da construção de lugares de memória como os monumentos, os museus e os memoriais. Os objetos que eles guardam são alegorias do passado, que se deseja lembrar. Isto significa que eles não são o próprio passado, mas os objetos culturais selecionados e ordenados para produzir um discurso sobre o passado, que atenda as demandas da comunidade de evocar o seu passado” (PACHECO, 2010, p, 146).

Um aspecto importante acerca da memória é a sua relação com os lugares. As memórias individual e coletiva têm nos lugares uma referência importante para a sua construção, ainda que não sejam condição para a sua preservação. As memórias dos grupos se referenciam, também, nos espaços em que vivem e nas relações que constroem com estes espaços. Enfatiza Andrade (2008, p. 570), as memórias importantes são registros vividos que partem das lembranças e eternizam lugares como referências e cenários para uma constante visita ao passado, trazendo em si, os mais diversos sentimentos documentados e aflorados em narrativas, sonhos e percepções.

Tais lugares de memória, onde se cruzam as memórias pessoais, familiares e outras, pode ser observado como demonstra Pierre Nora:

Os lugares de memória são fundamentalmente vestígios do passado, as últimas encarnações de uma consciência da memória que sobrevive numa época histórica que não recorre à memória, pois a abandonou. Eles aparecem em virtude da desritualização de nosso mundo - produzindo, manifestando, estabelecendo, construindo, decretando e mantendo artificialmente e intencionalmente uma sociedade profundamente absorvida em sua própria transformação e renovação (...), (1984, p.22).

Os lugares são importantes na referência da memória dos indivíduos, onde as mudanças exploradas nestes lugares causam mudanças importantes na vida e na memória dos grupos.

### 3.1 - Patrimônio Cultural

Como vimos anteriormente, que a memória tem uma dimensão individual, mas muitos dos seus referentes são sociais, e são eles que permitem que, tenhamos uma memória compartilhada, uma memória coletiva. É notável que quando se fala em memória faz-se uma ligação com questões relativas a preservação e patrimônio cultural. A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) discorre que, “o patrimônio cultural é de fundamental importância para a memória, a identidade e a criatividade dos povos e a riqueza das culturas”. Desta maneira, o entendimento da relação entre estes dois campos é fundamental para a compreensão da importância do patrimônio cultural para a humanidade.

Patrimônio Cultural é o conjunto de bens, de natureza material e/ou imaterial, que guarda em si referências à identidade, a ação e a memória dos diferentes grupos sociais. É um elemento importante para o desenvolvimento sustentado, a promoção do bem-estar social, a participação e a cidadania (PATRIMÔNIO HISTÓRICO, 2008, p.13). O conceito de patrimônio é amplo, vejamos ainda que Oliven (2003, p. 77) afirma, quando falamos em patrimônio cultural, estamos nos referindo direta ou indiretamente ao passado, o qual a exemplo do que ocorre com a tradição, é sempre construído a partir do presente. O termo “patrimônio” – em inglês, heritage – refere-se a algo que herdamos e que, por conseguinte, deve ser protegido.

Com o Decreto-Lei n.º 25, de 30 de novembro de 1937, do então presidente Getúlio Vargas, tem-se a criação Serviço do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional (SPHAN). O SPHAN foi estruturado por intelectuais e artistas brasileiros da época. A partir deste momento definiu-se Patrimônio Histórico e Artístico Nacional como:

O conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico (DECRETO-LEI Nº 25, de 30/11/1937).

Quando se preserva legalmente o patrimônio cultural, conserva-se a memória do que fomos e do que somos a identidade da nação. Patrimônio cultural é a riqueza que herdamos como cidadãos, e que se transmite de geração a geração.

A preservação do patrimônio cultural, de alguma maneira, não atua simplesmente movida pelo valor histórico ou artístico do bem em si, mas submetem a ação de preservação à afirmação de identidades. Mas, as razões concretas que levam à escolha deste ou daquele bem ou arquitetura para lhe conceder mérito e valor suficiente que justifique sua escolha entre os bens a serem preservados, variam e se ajustam às circunstâncias. Para que a preservação se concretize e dure, é preciso que a estes testemunhos do passado se atribua algum valor de uso no presente, até para que o esforço de conservação não se perca, assegurando à obra preservada os meios adequados para sua gestão e permanência (PRETTO, 2011, p.17).

Preservar a memória de fatos, ideias, por meio de construtos, que as comemoram, narram ou representam, é uma prática que diz respeito a todas as sociedades humanas. Pode-se dizer, um universo cultural e é essa função memorial que está por trás da noção de monumento em seu sentido original (SANT'ANNA, 2003, p.46).

A partir daí é que notamos a união entre memória e patrimônio cultural. Os bens tombados pelos órgãos adequados são escolhidos, procurando representar uma determinada época e ao tombarem uma edificação, como é o caso da Igreja Matriz de São Bartolomeu em Maragogipe, está se apontando que a memória deve ser preservada. Em relação à discussão que trata da memória como momento de rememoração, conversei - se com pessoas mais idosas da cidade e representantes da cultura local, no sentido de tornar testemunho as narrativas fundamentadas através do imaginário e da memória daqueles tempos antigos.

PRETTO (2011, p. 25) afirma ainda que, “o patrimônio cultural está intrinsecamente relacionado à memória, conferindo identidade e orientação a determinados grupos sociais, pressupostos básicos para que se reconheçam como comunidade, inspirando valores ligados à pátria, à ética e à solidariedade, estimulando exercícios da cidadania, através de um profundo senso de lugar e continuidade histórica”.

A preservação de bens patrimoniais deve ter por finalidade conservar traços da vida comum, quotidiana, e mostrar como vivia a sociedade em determinada época (...). A conservação de bens patrimoniais deve ter por objeto edificações que tenham um significado coletivo para determinada comunidade, pois se perpetua a memória de uma sociedade, preservando-se os espaços utilizados por ela na construção de sua história (TOMAZ, 2010, p.5).

A autora FONSECA (1997, p. 36) argumenta que a política de preservação, deve objetivar não apenas a proteção de bens, mas abarcar todo o universo que constitui a preservação patrimonial, incluindo-se os critérios de seleção de bens, as razões que justifiquem a proteção e os diversos atores envolvidos, tais como a sociedade e os representantes do Estado:

[...] uma política de preservação do patrimônio abrange necessariamente um âmbito maior que o de um conjunto de atividades visando à proteção de bens. É imprescindível ir além e questionar o processo de produção desse universo que constitui um patrimônio, os critérios que regem a seleção de bens e justificam sua proteção; identificar os atores envolvidos nesse processo e os objetivos que alegam para legitimar o seu trabalho; definir a posição do Estado relativamente a essa prática social e investigar o grau de envolvimento da sociedade. Trata-se de uma dimensão menos visível, mas nem por isso menos significativa. (TOMAZ Apud FONSECA, 1997, p. 36).

Quando se discute preservação do patrimônio, traz-se em reflexão, o produto formado por dada sociedade, para a qual o monumento tem significações acentuadas, por fazer parte de sua história. Sendo assim, a preservação tem por objetivo guardar a memória dos fatos, suas origens e a razão de ser. É indispensável relacionar os indivíduos e à comunidade com o edifício a ser preservado, sendo que uma cidade em seu existir, tem sua identidade pensada nos lugares cuja memória os indivíduos constroem no seu dia-a-dia. O patrimônio é a herança cultural do passado, vivida no presente, que será transmitida às gerações futuras.

Ainda segundo TOMAZ (2010, p. 6), o que torna um bem dotado de valor patrimonial é a atribuição de sentidos ou significados que tal bem possui para determinado grupo social, justificando assim sua preservação. É necessário compreender que os múltiplos bens possuem significados diferentes, dependendo do seu contexto histórico, do tempo e momento em que estejam inseridos. Seus

significados variam também de acordo com os diferentes grupos econômicos, sociais e culturais, embora em muitos aspectos o contexto possa ser o mesmo. Fonseca (2005, p.81) salienta que no Brasil, “a temática do patrimônio – expressa como preocupação com a salvação dos vestígios do passado da Nação, e, mais especificamente, com a proteção de monumentos e objetos de valor histórico (...)”.

O tombamento é a principal ação a ser tomada para a preservação dos bens culturais, na medida em que evita legalmente a sua destruição. Porém a preservação só torna-se visível para todos, quando um bem cultural encontra-se em bom estado de conservação, propiciando seu total uso. MURGUIA E YASSUDA (2007, p. 67) afirmam que, “dentre os meios legais de proteção ao patrimônio, destaca-se o tombamento. Com ele, é possível preservar bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e afetivo, impedindo que sejam destruídos ou descaracterizados”.

Durante algum tempo a preservação foi vista como uma preocupação somente das elites intelectuais, não possuindo nenhuma ligação com os interesses gerais da comunidade, “preservar era uma atitude voltada para o passado”. (DIAS Apud LYRA, 1984, f. 03).

Atualmente sabe - se que o objetivo da preservação está ligado à conservação da identidade cultural de uma sociedade, de sua história e modos de vida. Uma época em que as cidades se modificam de uma maneira cada vez mais rápida, a preservação adquiriu importância social e cultural. Para SIMÃO (2006, p. 58), o referencial de memória e história que carregam agregado normalmente às culturas que se preservam no tempo (...), nas festas, no fazer e nos costumes – dá-lhes atualmente um traço diferencial que, se valorizado, estimula seus cidadãos, guardiões desses bens, a resgatarem sua identidade local e seu sentido de pertencimento ao lugar.

OLIVEN (2003, p. 77) resalta ainda que, “o patrimônio cultural precisa ser preservado, numa operação por meio da qual se procura guardar algo, que corre o risco de ser destruído. (...), para preservar, precisamos, antes, classificar e colecionar. Por isso, temos agentes que detêm o poder legítimo de definir o que faz parte do patrimônio. Esses “guardiões do patrimônio” definem o que é digno de ser preservado. Estes bens, pelo seu caráter único e pelo fato de serem vistos como depositários de uma memória que aponta para a identidade nacional (...)”.

Diante do conjunto das reflexões apresentadas, podemos dizer então que a transmissão da memória social de uma geração à outra, pode ocorrer por meio dos chamados objetos culturais, que se constituem como suportes de memória. No universo destes objetos ou suportes está o patrimônio cultural, que funciona como apoio da memória social. Visto que esta é uma reconstrução ou manifestação continuamente atualizada do passado, formada através de contribuições de diversas gerações ao longo do tempo, a interpretação do patrimônio cultural por cada uma destas gerações, converte-se também em uma das maneiras de reconstrução ou atualização do passado.

Assim, a importância da preservação do patrimônio cultural reside na própria preservação da memória social, o legado de um povo, ligada diretamente à constituição da identidade nacional e cultural deste povo. Portanto, é preservando que no futuro poderemos conviver com documentos históricos, tão importantes na formação de nossas cidades. Através do conhecimento do nosso patrimônio histórico, podemos aprender sobre a memória e, por conseguinte, exercer a cidadania.

### 3.2 - Analisando a Igreja Matriz por meio da percepção dos moradores

A Igreja Matriz de São Bartolomeu é um dos monumentos que tem na cidade, considerado como um espaço de culto religioso é um elemento cultural da memória. A identidade do local fica registrada na memória de seus habitantes e daqueles que usam ou já usaram de alguma maneira. A utilização que se faz de um patrimônio cultural é que determina sua importância para a comunidade, à qual esta inserida. Desta forma, quando o professor Alessandro Cerqueira foi indagado sobre a sua relação com a Igreja Matriz e sua participação nas atividades realizadas pela mesma, ele respondeu:

Desde quando "me dei por gente" que vivo na Igreja Matriz de São Bartolomeu. Participo de grupos existentes na comunidade da Matriz,

tais como: Apostolado da Oração e Congregação Mariana de São Luiz.

Assim, podemos perceber que é nesta relação de convivência, com a igreja que é construída a memória, ao passar dos tempos. Para as pessoas entrevistadas, existem na comunidade de Maragogipe algumas referências da trajetória histórica, encontradas nos monumentos e nas tradições. Segundo a professora Marta Bandeira:

A Igreja Matriz é uma referência cultural na cidade, pela sua riqueza de detalhes na sua arquitetura, e na sua forma rica onde os altares são banhados a ouro. É impossível pensar em Maragogipe sem pensar na Igreja Matriz de São Bartolomeu, ela é uma referência desde a fundação do município.

“Ao se resgatar a identidade de um lugar, acabamos por nos interiorizar no espaço vivido, sentido, percebido que se encontra repleto de sonhos e imagens daqueles que o usam de alguma maneira. Então, depara-se com um lugar onde acontecem e se manifestam culturas que fazem parte da vida cotidiana coletiva e individual, na qual o homem atua como sujeito” (NEVES Apud SILVA, 2001).

É notável que as pessoas da comunidade têm a Igreja Matriz como referência histórica, pois como a professora Marta relata, ela é um referencial desde a construção da cidade. Vemos isto com a citação do Programa Monumenta (2005, p. 293), que com a construção da Matriz de S. Bartolomeu (...), no topo da colina, criou-se um novo centro, consolidado com a construção.

Sendo assim, foi possível notar em outras entrevistas, que as pessoas relatam que a Igreja é de suma importância para a comunidade. Afirmamos isto em uma das falas de Carina Guedes, que participa do Grupo Jovem Verdadeira Esperança da Igreja Matriz, ela comenta que:

Não há como dimensionar tamanha importância da Igreja Matriz de São Bartolomeu, suas relíquias, imagens, arquitetura, arte e suas festas tradicionais, que transmitem a cultura para os jovens. E isto é de suma importância para a cidade, que todos conheçam um pouco da sua história.

Notamos que a preservação do patrimônio é essencial para que se construa a memória de uma determinada sociedade. Logo então, Flávia Assis que participa

também do Grupo Jovem Verdadeira Esperança, relata em poucas linhas sobre a importância da história da igreja para a comunidade: “É muito importante, é um símbolo de fé, de arte e de expressão da memória, e que é preservada até os dias de hoje”.

Quando questionada sobre as transformações que ocorreram na Igreja ao longo do tempo, e atividades que não acontecem atualmente, Flávia Assis completa: “Ela não mudou muito não, pelo que escuto falar das pessoas mais velhas não houve muita mudança”. E completa com relato sobre a memória, que tem sobre por que São Bartolomeu é o padroeiro da cidade:

Pelo que escuto das histórias contadas a partir das memórias das pessoas mais velhas, que vem sendo transmitida, contam que foi um escravo que teve uma visão de um homem ensanguentado, com um facão na mão; e ele correu para contar ao senhor de muitas terras que se chamava Bartolomeu Gato, então o senhor mostrou uma imagem para o escravo lhe perguntando se era aquele homem que ele tinha visto, e o escravo então disse que sim. Mas se conta também que Bartolomeu Gato nomeou São Bartolomeu como padroeiro, para que ele sempre fosse lembrado de alguma forma pelos Maragogipanos, por se chamar também Bartolomeu, e contam que o senhor Bartolomeu Gato era devoto de São Bartolomeu com a visão do escravo ele sugeriu que fosse então esse santo o padroeiro da cidade. Então é essa história que sei por que São Bartolomeu é o padroeiro (Flavia Assis, participante do Grupo Jovem Verdadeira Esperança, 24 anos).

Portanto, a pesquisa buscou principalmente realizar um estudo de memória na comunidade, avaliando a Igreja de São Bartolomeu enquanto patrimônio cultural. Através dos depoimentos orais foi apurado, que as pessoas da comunidade não visitam a Igreja como uma instituição cultural, mas a usam para o culto religioso, reconhecem que a Igreja é um monumento patrimonial bem importante no local, e têm memória em relação a este patrimônio.

As entrevistas realizadas despontaram alguns pontos interessantes, dos quais se podem retirar algumas considerações tais como; o reconhecimento dos moradores sobre a importância da Igreja como patrimônio cultural da cidade, como também, no imaginário e na memória destas pessoas permanece presentes histórias daqueles antigos tempos, e o forte valor que o monumento ganha por ser uma das atrações mais vistas pelo turismo; além da valorização histórica que tem pela comunidade.

Roteiro das entrevistas realizadas com seis pessoas da comunidade de Maragogipe.

- 1 - Se a pessoa conhece a Igreja Matriz de São Bartolomeu, e a forma de contato com ela.
- 2 - Se a pessoa participa ou já participou de atividades realizadas pela Igreja, e qual?
- 3 - Para a pessoa falar qual a importância dela enquanto patrimônio cultural na cidade de Maragogipe.
- 4 - O que ela representa para a história da cidade?
- 5 - O que ela representa como espaço de culto religioso?
- 6 - Se observa mudanças de como a Igreja era, e o que acontecia nela que não acontece atualmente.
- 7 - Sabe por que São Bartolomeu é o padroeiro da cidade?

Entrevista 01 – Descrição do diálogo com Alessandro Cerqueira, professor da comunidade.

1 - Sim, desde quando "me dei por gente" que vivo na matriz de São Bartolomeu.

2 – Sim, participo de grupos existentes na comunidade da Matriz, tais como: Apostolado da Oração e Congregação Mariana de S. Luiz.

3 - Se não me engano, a datação da referida igreja se dá no século XVII, portanto mais de 400 de história. É um dos poucos monumentos restante na nossa cidade, o qual abriga a cultura católica do povo maragogipano. Neste templo, ainda podemos ver várias cerimônias como: o descimento da cruz, coroação de Nossa Senhora e outras.

4 - Como disse a igreja matriz é o marco cultural da fé católica. Portanto ela resume em si além de suas tradições, a história da escravatura, pois foi construída pelos escravos, as formas de relações sócias tanto das épocas passadas, como da contemporaneidade.

5 - A perpetuação da religião Católica Apostólica Romana em Maragogipe.

6 - O próprio tempo se incube de criar mudanças, quer pelos falecimentos das pessoas mais velhas quer por inovações do tempo presente. Muitas coisas mudaram.

7 - Segundo a história do município e da própria igreja, por causa do dono das terras maragogipanos que era Bartolomeu Gato, sendo o primeiro padroeiro São Gonçalo do Amarante.

Entrevista 02 – Descrição do diálogo com Carina da Silva Guedes, participante do Grupo Jovem Verdadeira Esperança, da Igreja Matriz, 18 anos.

1 - A conheço desde criança, desde então mantenho uma relação muito próxima a ela, participando de seus eventos, e conseqüentemente de sua história.

2- Sim, já participei de missas, novenas, ensaios dos corais, adorações, louvores entre outras coisas.

3 - Não há como dimensionar tamanha importância, suas relíquias, imagens, arquitetura, arte, suas festas tradicionais transmitem a cultura para os jovens. E isto é de suma importância para a cidade, que todos conheçam um pouco da sua história.

4 - As duas estão extremamente relacionadas afinal ela surgiu a partir da devoção de Bartolomeu Gato, que foi um dos fundadores do município. Portanto ambos estão interligados.

5 - Significa muito para os fiéis, afinal o catolicismo é latente na cidade. A igreja está sempre cheia de devotos e fiéis que participam de suas atividades.

6 - Pouca coisa mudou, mas há um aumento na participação de pessoas nas celebrações (missas) que antes era mais restrito apenas ao padre.

7- Bartolomeu Gato (dono das terras) tinha devoção por São Bartolomeu, um dos seus escravos disse que teve uma visão com um homem ensanguentado, imediatamente ele associou ao santo e disse que ele seria o padroeiro.

Entrevista 03 – Descrição do diálogo com Flávia Santos de Assis, participante do Grupo Jovem Verdadeira Esperança, da Igreja Matriz, 24 anos.

1 – Sim. Através dos grupos jovens.

2 – Sim. Novenários, missas, caminhada da paz e encontros de jovens.

3 – Além da fé que é transmitida, tem ainda a arquitetura barroca que se encontra no seu interior e exterior. E os cânticos em latim que acontecem nas novenas.

4 – Muito. Símbolo de fé, de arte e de expressão da memória.

5 – Uma visão de fé, de amor ao próximo e de encontro com Deus.

6 – Ela não mudou muito não, pelo que escuto falar pelas pessoas mais velhas não houve muita mudança.

7 – Sim, pelo que escuto das histórias contadas a partir das memórias das pessoas mais velhas, que vem sendo transmitida, contam que foi um escravo que teve uma visão de um homem ensanguentado, e ele correu para contar ao senhor de muitas terras que se chamava Bartolomeu Gato, então ele mostrou uma imagem para o escravo lhe perguntando se era aquele homem que ele tinha visto, e o escravo então disse que sim. Mas se conta também que Bartolomeu Gato nomeou São Bartolomeu como padroeiro, para que ele sempre fosse lembrado de alguma forma pelos Maragogipanos, por se chamar também Bartolomeu e falam ainda que o senhor Bartolomeu Gato era devoto de São Bartolomeu com a visão do escravo ele sugeriu que fosse então esse santo o padroeiro da cidade. Então é a história que sei por que São Bartolomeu é o padroeiro.

Entrevista 04 – Descrição do diálogo com Marta Bandeira, professora da comunidade.

1 - Conheço desde a infância, fui batizada nela e vou às missas até hoje.

2 - Fui da Legião de Maria por um bom tempo.

3 - A Igreja Matriz é uma referência cultural na cidade, pela sua riqueza de detalhes na sua arquitetura, e na sua forma rica onde os altares são banhados a ouro. É impossível pensar em Maragogipe sem pensar na Igreja Matriz de São Bartolomeu, ela é uma referência desde a fundação do município.

4 - É impossível pensar em Maragogipe sem pensar na Igreja Matriz de São Bartolomeu, ela é uma referência desde a fundação do município.

5 - Quando você entra na Igreja Matriz de São Bartolomeu, principalmente se você for católico, você fica em êxtase diante de tanta beleza e se comove com as imagens, a Igreja é fundamental para os cultos religiosos católicos.

6 – O que mudou foi a forma da igreja católica celebrar as missas que antigamente eram celebradas em latim e atualmente não, mas isso foi uma mudança vinda do Vaticano para todas as igrejas

7 - Porque o Nobre Português Bartolomeu Gato que financiou a construção da Igreja Matriz queria que o padroeiro da cidade fosse São Bartolomeu porque do nome dele, mas o padroeiro de Maragogipe a princípio seria São Gonçalo.

Entrevista 05 – Descrição do diálogo com Ana Paula Sousa, 15 anos, estudante.

1-Eu conheço a Igreja Matriz, mas não costumo frequentar sempre não, só as missas às vezes.

2-Já participei do evento retiro, que reuniu jovens de várias cidades, foi muito interessante, pois teve vários momentos de orações e pude conhecer outros jovens de outras localidades.

3-Acho que a Igreja Matriz de São Bartolomeu é importante na cidade, porque além da grandiosidade, ela tem uma das festas católicas mais bonitas que é a de São Bartolomeu, que acontece no mês de agosto. É o mês quase todo de festa, e isso é uma coisa do passado que acontece há muitos anos.

4-Ah, ela além de ser muito bela, representa para nossa cidade uma história importante onde já ouvi várias pessoas contar que a cidade começou ali, depois que a matriz foi construída foi-se construindo as outras casas, não conheço muito a história mesmo.

5-Como espaço religioso representa uma fé muito forte, em devoção a São Bartolomeu.

6-Não me lembro. Porque desde quando conheço é a mesma coisa.

7-Já ouvi pessoas contar que foi um escravo que viu uma visão de São Bartolomeu, ai ficou ele como padroeiro.

Entrevista 06 – Descrição do diálogo com Álvaro Nobre, morador da comunidade.

1-Conheço sim. Pois sou de família católica e minha ligação com a nossa igreja vem desde minha infância quando minha finada avó, que era membro da Legião de Maria, me levava para as missas dominicais.

2-Sim. Na minha infância fiz primeira comunhão. Particpei dos ternos natalinos saindo do grupo Estrela Dalva, fui Imperador da festa do divino espírito Santo. Além de frequentar as novenas, missas etc.

3-Bom. A Igreja de São Bartolomeu além de ser um cartão postal da nossa cidade e ter uma história muito bonita intrinsecamente relacionada à história da cidade e dos personagens históricos das mesmas (cidade e igreja). Ela é um patrimônio preservado pelo IPHAN.

4-Sua rica história já serve como referência para definir sua contribuição. Porém, não podemos esquecer a festa do nosso padroeiro que atrai milhares de turistas movimentando a economia e difundindo ainda mais a história da nossa cidade.

5-Bom. Para os católicos e principalmente os devotos de São Bartolomeu a igreja é um símbolo da nossa fé, um lugar onde nos aproximamos ainda mais de Deus.

6-Sinceramente. Não vejo muita mudança. O processo de transformação da igreja católica é muito lento. O simbolismo da religião bem como o tradicionalismo que a sempre manteve como uma potência no mundo não permite mudanças bruscas. O que leva a igreja a se envolver em diversos temas polêmicos dos tempos atuais.

7-Sim. Conta à lenda que um escravo quando voltava do trabalho viu a imagem de um homem com uma faca na mão e uma manta vermelha coberta de sangue. Assustado ele correu para contar o que viu ao seu senhor, o Bartolomeu Gato o qual era devoto e resolveu fazer a igreja.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo fundamental estudar a imagem e devoção a São Bartolomeu de Maragogipe, fazendo uma análise museológica do objeto sacro a partir do estudo iconográfico e iconológico. Este trabalho resultou de um esforço processual, os estudos realizados para o seu desenvolvimento possibilitaram à autora, reunir informações sobre a cidade de Maragogipe, a Igreja Matriz de São Bartolomeu e conhecer um pouco da sua história e da devoção de seus fiéis. Compreender as discussões acerca da definição do estudo iconográfico e iconológico da imagem; descrever a escultura e relacionar o estudo com os conceitos direcionados em sala de aula em várias disciplinas, e das leituras que permitiram desenvolver este trabalho.

Durante a pesquisa foi verificado que, a Igreja está em pleno uso, e é o lugar onde acontecem as principais cerimônias religiosas católicas da cidade. A importância artística e histórica deste monumento foi realizada através do tombamento realizado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional com a inscrição sob o nº 155 do Livro de História, fl. 26, em 21/02/1941 e sob o nº 296 do Livro de Belas Artes, fl.51 em 21/02/1941.

Observou-se que o estudo da cidade na documentação museológica é importante, pois pode-se compreender a sociedade civil, porque a documentação museológica não se restringe aos estudos dos objetos (monumentos), mas também na relação entre o homem e o objeto.

Sendo assim notou-se que a devoção a São Bartolomeu é muito forte na cidade, pois até os dias atuais a comunidade luta pela continuidade das suas tradições, tanto participando de reuniões e missas, quanto da conservação da Igreja, mantendo assim a forte tradição e fé a São Bartolomeu. Conforme pudemos observar, a missa em louvor é celebrada no dia 24 de agosto, data que é dedicada ao dia do santo, a procissão de São Bartolomeu é realizada na última segunda – feira do mês de agosto, e é muito apreciada pelos fiéis, que acompanham com grande satisfação o cortejo, que tem a participação das Filarmônicas da cidade, que alegra o cortejo com suas músicas.

Vimos também à importância do estudo do patrimônio cultural e da memória, para a realização deste trabalho, pois com estes conceitos foi possível relacionar com a realidade da cidade de Maragogipe, onde é importante manter preservado o patrimônio cultural edificado, para que possa através deste, dar suporte para o fortalecimento da memória.

Sendo assim, chega-se a conclusão, com base nos depoimentos, que alguns representantes da comunidade católica ainda cultuam esta tradição de devoção a São Bartolomeu, mesmo com todas as transformações socioeconômica do município, e a modernidade que vem chegando. A escultura sacra é um bem da cultura material que necessita ser preservado para que não se perca uma forma importante de documento iconográfico que atravessou gerações. Para isso é importante à conscientização da comunidade e dos órgãos públicos da cidade de Maragogipe, sobre a importância da preservação.

É válido resaltar que o objetivo deste trabalho foi realizar um estudo iconográfico e iconológico da imagem de São Bartolomeu da Igreja Matriz de Maragogipe, a fim de contribuir para o estudo dos sentidos e significados desta imagem utilizada na Igreja católica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIKO, A. K.; ALMEIDA, M. A. P.; BARREIROS, M. A. F. **Urbanismo: história e desenvolvimento**. São Paulo EPUSP, p. 47, 1995.

ANDRADE, Cyntia. **Lugar de memória... memórias de um lugar: patrimônio imaterial de Igatu, Andaraí, Bahia**. Vol. 6, Nº3, p. 590, 2008.

ANDRADE, Solange Ramos de. **O CULTO AOS SANTOS: A RELIGIOSIDADE CATÓLICA E SEU HIBRIDISMO**. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano III, n. 7, p. 15, 2010.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**; tradução Pier Luigi Cabra. 5ª ed., São Paulo: Martins Fontes, p. 456, 2005.

BENEVOLO, Leonardo. **A cidade na História**. In. A cidade e o Arquiteto. Lisboa: Ed. 70, p. 15-31, 1984.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Programa Monumenta Sítios históricos e conjuntos urbanos de monumentos nacionais: norte, nordeste e centro-oeste**. Brasília: Ministério da Cultura, Programa Monumenta, cadernos técnicos 3, p. 456, 2005.

CAMINHOS DO RECÔNCAVO: **Proposição de Novos Roteiros Históricos Culturais para o Recôncavo Baiano**/ Coordenadores do projeto, Lúcia Maria Aquino de Queirós e Regina Celeste de Almeida Souza: p.303, 2009.

CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação museológica. In: **Caderno de diretrizes museológicas**, Brasília, 2 ed., p. 34-78, 2006.

CASTRO, ADRIANA. Uma palavra da CAAS. In: **Metodologia do Cadastro de bens móveis da Igreja: escultura sacra – imaginária / Lúcia Marques**. Salvador, 2 ed., p. 80, 2000.

CHAGAS, Mário de Souza. **Em busca do documento perdido: a problemática da construção teórica na área da documentação**. Cadernos de Sociomuseologia Nº2- ULHT, Lisboa, p. 89, 1994.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado, 3 ed., São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, p. 282, 2006.

COUTO, Edilece Souza. **Festejar os santos em Salvador: tentativas de reforma e civilização dos costumes (1850 – 1930)**. In: Formas de crer. Ensaio de história religiosa do mundo luso-afrobrasileiro, séculos XIV-XXI / Lúcia Bellini, Everton Sales Souza, Gabriela dos Reis Sampaio (organizadores) – Salvador: Edufba: Corrupio, 2006.

\_\_\_\_\_ e SANTOS, Fernanda Reis dos. **Devoção e festa: Irmandade de São Bartolomeu em Maragogipe - BA no processo de Romanização do Catolicismo Brasileiro.** p. 12, 2009.

**DECRETO-LEI Nº 25 DE 30 DE NOVEMBRO DE 1937.** Artigo 1º. Disponível em: < [www.portal.iphan.gov.br](http://www.portal.iphan.gov.br) >. Acesso em: 07 de abril de 2013.

FERNANDES, Francisco. **Dicionário Brasileiro Globo.** 52 ed. São Paulo: Globo, 1999.

FERREZ, Helena D. Documentação Museológica: teoria para uma boa prática. In: **Cadernos de Ensaio: estudos de Museologia**, Rio de Janeiro, n.2, 1994.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em Processo: Trajetória da Política Federal de Preservação no Brasil.** 2 ed. Ver. ampl. Rio de Janeiro. Editora UFRJ: MinC – IPHAN, p. 294, 2009.

JULIÃO, Letícia. **Pesquisa Histórica no museu.** In: *Caderno de diretrizes museológicas*, Brasília, 2 ed., p. 94 -105, 2006.

LEAL, Luana Aparecida Matos. **MEMÓRIA, REMEMORAÇÃO E LEMBRANÇA EM MAURICE HALBWACHS**, p. 8, 2012.

LEMOS. Carlos A. C. **O que é Patrimônio Histórico.** 4ª edição Ed. Brasiliense. 1985.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Tradução Bernardo Leitão. São Paulo. Editora da UNICAMP, p. 541, 1990.

LUBISCO, Nídia Maria Lienert. **Manual de estilo acadêmico: monografias, dissertações e teses.** 4 ed., ver. E ampl. – Salvador: EDUFBA, p. 145, 2008.

MARQUES, Lúcia. **Metodologia do Cadastramento de bens móveis da Igreja: escultura sacra – imaginária.** Salvador, Secretária de Cultura e Turismo, FLAMIC, EGBA, p. 80, 2000.

**MEMÓRIA e patrimônio: ensaios contemporâneos** / Regina Abreu, Mário Chagas (orgs.). Rio de Janeiro. DP&A, p. 320, 2003.

MESSENTIER, Leonardo Marques de. **Patrimônio urbano, construção da memória social e da cidadania.** p. 23, 2004.

NASCIMENTO, Rosana Andrade do. **Documentação Museológica e Comunicação.** Cadernos de Museologia, nº 3, p. 11, 1994.

NEVES, Roseane Araújo das. **Patrimônio e comunidade: estudo de público na Igreja do antigo seminário de Belém - Cachoeira / BA.** Cachoeira /BA : UFRB, p. 93, 2012.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. In: PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós – Graduados em História e do departamento de história da PUC – SP. São Paulo, p. 175, 1981.

\_\_\_\_\_ **“Entre a memória e a história – os lugares de memória”**. Traduzido do original em francês publicado in Les lieux de mémoire. Paris, Gallimard, Vol. 1, p. 18-34, 1984.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **Educação, memória e patrimônio: ações educativas em museu e o ensino de história**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 30, nº 60, p. 143-154, 2010.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 3 ed., p. 493, 2004.

PATRIMÔNIO HISTÓRICO: **como e por que preservar** / coordenação de: Nilson Ghirardello e Beatriz Spisso; colaboradores: Gerson Geraldo Mendes Faria. Bauru, SP: Canal 6, p. 34, 2008.

PATRIMÔNIO IMATERIAL: **O Registro do Patrimônio Imaterial: Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial**. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 4 ed., 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História, Memória e Centralidade Urbana**. p. 12, 2008.

PINSKY, Carla Bassanezi (Organizadora). **Fontes históricas**. 2 ed., São Paulo: Contexto, p. 302, 2006.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 15, 1989.

PRETTO, Ana Lúcia. **A construção da memória através da preservação do patrimônio edificado: A possibilidade do direito moral de autor como instrumento acessório de proteção patrimonial**. Canoas, p. 176, 2011.

RIBEIRO, Marcelo. **Festas populares e turismo cultural – inserir e valorizar ou esquecer?** O caso dos Moçambiques de Osório, Rio Grande do Sul. 2004

SÁ, Osvaldo. “Anos de Decadência”, In: **Histórias Menores**, vol. 3, p. 25, São Félix – 1983.

SANTOS, Fernanda Reis dos. **A festa de São Bartolomeu em Maragogipe: (1860-1937)**, p. 10, 2008.

\_\_\_\_\_ **“A Festa do excelso Padroeiro da Cidade das Palmeiras”: o culto a São Bartolomeu em Maragogipe (1851-1943)**, p. 138, 2010.

SIMÃO, Maria Cristina Rocha. **Preservação do Patrimônio Cultural em Cidades**. 1 ed. 1. Reimp. – Belo Horizonte. Autêntica, p. 125, 2006.

SOUZA, Ronaldo. A Origem da Festa. *In: **Conhecer Maragogipe**. 4<sup>o</sup> ed. 5<sup>o</sup> ano.*

TOMAZ, Paulo Cesar. A Preservação do Patrimônio Cultural e sua Trajetória no Brasil. *In: **Revista de História e Estudos Culturais**, Vol. 7, 2010.*

YASSUDA, Sílvia Nathaly. **Documentação museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista**. Marília, p. 123, 2009.

KESSEL, Zilda. **MEMÓRIA E MEMÓRIA COLETIVA**. Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/adm/Upload/29116110920121916535P032.pdf>. Acessado em 01 de abril de 2012.

## **GLOSSÁRIO**

Adro – Nome pelo qual é chamada a área externa da igreja.

Arcaria – É formada por uma sequência de arcos.

Frontispício – Face principal de um monumento.

Frontão - É uma forma triangular que decora normalmente o topo da fachada.

Tribunas – Na igreja a tribuna é constituída por sacadas